

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

LUIZA CAMBRAIA DE LACERDA

**A MANDALA COMO EXPRESSÃO SIMBÓLICA DO SELF NA
PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

São Paulo

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

LUIZA CAMBRAIA DE LACERDA

**A MANDALA COMO EXPRESSÃO SIMBÓLICA DO SELF NA
PERSPECTIVA ANALÍTICA**

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia, sob
orientação da Me. Marisa Catta V. Preta.

São Paulo

2021

LACERDA, Luiza Cambraia de. A Mandala como expressão simbólica do Self na perspectiva da psicologia analítica. Orientação: Marisa Catta Pretta. São Paulo: Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2021.

RESUMO

O tema do presente trabalho é o entendimento da simbologia da mandala como representação do Self e da totalidade para a psicologia analítica. O método utilizado foi a revisão bibliográfica de estudos junguianos acerca do tema. Utilizou-se tanto pesquisas de mestrado e doutorado como grandes obras da literatura analítica, com o objetivo de trazer a tona a relevância do formato simbólico de mandala para a organização do Si-mesmo e também como isto também está presente nas religiões, culturas arcaicas e atuais, nas artes e no fazer terapêutico ,fazendo relação com as formas de organização da natureza. São utilizadas, em destaque, as obras dos pacientes de Nise da silveira, apresentadas em análise em livros da autora, como forma de constatação de que a mandala é uma ocorrência psíquica espontânea em meio ao processo de integração de opostos ao longo do caminho da individuação, e também o símbolo arquetípico da imagem primordial do Si-Mesmo, em busca de paz e autorregulação psíquica. A mandala é entendida como busca pelo centro e pela ordem, uma forma arquetípica de organização tanto da matéria física e da natureza, como da realidade psíquica, aparecendo como instinto.

Palavras chave: mandala, arquétipo, totalidade

SUMÁRIO

Introdução	p. 4
Método	p. 8
Capítulo 1: A simbologia do Círculo	p. 9
Capítulo 2: O círculo e a mandala como formas sagradas	p. 21
Capítulo 3: O círculo e a mandala para psicologia junguiana	p. 33
Considerações Finais	p. 47

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho surgiu a partir de uma série de sonhos que tive em um momento conturbado e de evolução pessoal. Por mais perturbador que fosse o conteúdo dos sonhos, as mandalas apareciam no céu dos meus cenários oníricos, muitas vezes como um sol nascente, e me traziam um senso de organização, paz e tranquilidade. Um sentimento de que eu estava presente, e era maior do que eu imaginava.

Também sou artista, e, nesta época, não pude deixar de observar a ocorrência das formas mandálicas nos meus desenhos. De repente, comecei a sentir um impulso natural e um prazer espontâneo em desenhar formas circulares a partir de centros. Os rabiscos circulares sempre apareciam involuntariamente, às vezes desenhando na areia ou rabiscando num papel durante as aulas, ou ao assistir um filme, e aquilo me dava uma sensação de relaxamento. Essa experiência me mobilizou a buscar pesquisar mais sobre mandalas e essas expressões simbólicas.

O presente trabalho tem como objetivo analisar estudos junguianos sobre o simbolismo da forma circular e mandálica como expressão espontânea do Self na psicologia analítica. Trago a relevância do formato simbólico de mandala para a organização do Si-mesmo e como isto também está presente nas religiões, culturas arcaicas e atuais, nas artes e no fazer terapêutico, fazendo relação com as formas de organização da natureza.

As mandalas são símbolos importantes e muito presentes em culturas ao redor do mundo todo, em diferentes locais e períodos da história. A palavra mandala significa literalmente círculo, em sânscrito. Composta de manda = essência e la = conteúdo, pode ser entendida como “o que contém a essência” ou “a esfera da essência” ou ainda “o círculo da essência” (Green, 2005, p. 7). Trata-se de uma figura circular composta em seu interior por outras figuras geométricas ou não, e organiza-se a partir do ponto central do círculo, do qual irradiam ou para o qual convergem subdivisões. (Ramos, F.S, 2006)

O formato de Mandala, antes de ser uma forma expressa pelo homem como símbolo ou como fazer artístico espontâneo, é uma forma encontrada universalmente na estética de diversos elementos da natureza. Ela aparece como repetição de padrões inscritos em círculos a partir de um centro, representando a essência simples e formal de elementos naturais, muitas vezes indicando uma unidade que pode ser aplicável a várias formas da natureza, como flores, plantas, conchas, frutos, teias de aranha, íris humana, células etc.. A clareza e a simplicidade da organização mandálica criam uma variedade infinita de ocorrências (RAMOS, F.S, 2006).

Black Elk (Wosien, 2002), importante homem dos Oglala Sioux, diz que a forma de organização do homem e da natureza é circular, reforçando uma ideia de integração e entrelaçamento.

Tudo o que a energia do Universo realiza completa-se em um círculo. O céu é redondo e eu escutei que a terra é redonda como uma bola e assim também são as estrelas... O vento, em sua imensa força, faz redemoinhos. Pássaros constroem ninhos redondos, pois eles têm a mesma religião que nós. O sol ascende e declina em círculo. O mesmo faz a lua e ambos são redondos. As estações do ano, em suas mudanças, formam um grande círculo e retornam sempre. A vida dos seres humanos descreve um círculo, de infância a infância, e assim é com tudo o que é movido por uma energia. Nossas tendas eram redondas como ninhos de pássaros e sempre dispostas em um círculo, o círculo do nosso povo, um ninho de muitos ninhos, nos quais nos criamos e cuidamos de nossa criação segundo a vontade do Grande Espírito (p. 16).

Para muitas culturas e religiões a mandala tem cunho sagrado, sendo uma figura usada para aproximar o homem de Deus e da criação divina. É um instrumento de cura e de meditação, usado nas tradições budistas, hinduístas, navajas , entre outras. O objetivo da construção e contemplação da mandala nessas práticas religiosas é provocar o encontro do indivíduo com seu próprio centro, com sua essência profunda, harmonizando-o com a sua própria natureza, e com a natureza ao seu redor, num intuito organizador.

Sendo o círculo uma forma infinita, representaria assim o universo , a unidade de toda a existência, a totalidade. (OSTETTO, 2009)

A relevância do estudo das mandalas segundo a psicologia jungiana é evidente. Podemos afirmar que “as mandalas se encontram na raiz de todas as culturas e estão presentes em todo ser humano como padrão arquetípico de comportamento” (DALKE, 2003, p. 7).

De acordo com RAMOS (2006), “C. G. Jung, usou a expressão ‘imagens primordiais’ para a recorrência de padrões expressos em imagens, idéias e comportamentos na história de nossa cultura, distribuídos de forma ampla, histórica e geograficamente” (p. 30). A mandala, nesta lógica, nada mais é do que uma forma arcaica, uma imagem primordial que simboliza um padrão e forma organizativa da expressão de vida de elementos vivos e não vivos, presentes em toda a natureza, expressando a totalidade e o centro ao mesmo tempo .Trata-se de uma imagem potente, que simboliza as forças inconscientes da psique direcionadas a tornar o indivíduo o que é, alinhando a ação do ego ao o Si- mesmo (JUNG, 2002).

Os estudos de Jung acerca da mandala concluem que tal imagem possui o poder de conservar a ordem psíquica ou restabelecê-la, se perdida. Neste último caso,

exerce uma função criativa e estimulante, tratando-se de uma tentativa de autocura da natureza (JUNG, 2017, p. 385).

O aparecimento espontâneo das mandalas em momentos em que a psique está em processo de reintegração e em momentos conturbados de desorientação psíquica, é entendido pelo autor como uma tentativa de harmonização e autocura inconsciente, através de um impulso instintivo. (JUNG, 2017)

A forma circular e rigorosa da mandala, partindo de um ponto central , compensa a desordem do estado psíquico, sendo um arquétipo organizador e harmonizador capaz de proporcionar certa plenitude psíquica em um esforço natural rumo a totalidade e a integração de conteúdos (MOACANIN, 1999) .

Em suas pesquisas, Jung mostrava a existência de uma força natural arquetípica, comparável a um instinto, que propulsionaria o indivíduo a vivenciar seu potencial e a realizar o padrão da personalidade genuína e única. Esta força arquetípica por assim dizer é chamada de individuação, e a mandala seria a imagem primordial correspondente a ela.

Segundo Von Franz (2002): “ O círculo (ou esfera) como um símbolo do “Self” expressa a totalidade da psique em todos os seus aspectos, incluindo o relacionamento entre o homem e a natureza [...] ele indica sempre o mais importante aspecto da vida: sua extrema e integral totalidade” (p. 246).

Green (2005) afirma que :

Do ponto de vista psicológico, a mandala se definiria como a estrutura de um determinado comportamento da consciência coletiva do homem. Este se manifestaria claramente quando nossa consciência individual permanece em um estado de semivigília: são mandalas, por exemplo, esses desenhos abstratos que realizamos inconscientemente, numa folha de papel, mesmo quando estamos distraídos, por exemplo, assistindo a uma aula, reunião ou conferência desinteressante, ou simplesmente atendendo um telefonema e em outras situações. Estes desenhos, de uma ou de outra maneira, intentam compensar nossa dispersão mental e ordenar nesse preciso momento nossa existência. Ao analisar estes desenhos, realmente comprovaremos que a maioria estão traçados a partir de figuras geométricas simples, geralmente, um círculo, um quadrado, uma espiral e outras (p. 22).

MÉTODO

O método utilizado foi o de uma análise qualitativa de estudos e pesquisas dentro da psicologia analítica. Usei como ferramenta a revisão de autores que se debruçaram e dedicaram-se a desenvolver o estudo sobre mandalas.

A primeira etapa desta pesquisa foi um levantamento abrangente sobre o tema Mandala. Dentro deste tema, surgiram vários tópicos como a simbologia do círculo, a geometria sagrada, as mandalas na natureza, na religião e nos rituais sagrados de cura.

Tentei então organizar estes tópicos de modo que ficassem articulados com a concepção de símbolo da totalidade psíquica para a psicologia junguiana, construindo uma narrativa coesa que cumprisse com o meu objetivo. A pesquisa contemplou diferentes autores da abordagem junguiana, e também autores de outras áreas, principalmente nos capítulos 1 e 2, os quais ainda não concernem puramente ao significado de círculo e de mandala para a teoria junguiana.

O que escrevi além de tudo, tem relação com experiências pessoais e sonhos meus. Fiz este trabalho com a intenção de investigar a dimensão simbólica da mandala também na minha vida pessoal. Segundo Penna (2003), o mais completo e verdadeiro modo de pesquisar é direcionar-se, simultaneamente, pelo lado objetivo e subjetivo ao construir a pesquisa, pois dessa forma, é aberto espaço para a integração entre subjetividade e objetividade, assim como entre individualidade e coletividade (cultural e arquetípica)

Resumidamente o método de compreensão dos fenômenos psíquicos da psicologia analítica consiste em quatro etapas interligadas entre si, o processo de compreensão dos símbolos: tradução, interpretação e elaboração do material simbólico e por fim, sua integração na consciência (PENNA,2003, p.185)

Para explicar conceitos básicos na psicologia analítica, como o processo de individuação, a noção de arquétipo, inconsciente coletivo e pessoal e sua relação dialética com consciência, destaco autores como Jung (2006), Whitmont (1991) e Neumann (1995). Utilizo a obra dos dois últimos autores também para falar de etapas do desenvolvimento da consciência, tanto individual como coletiva.

No primeiro capítulo, a simbologia do círculo, conceito o círculo como forma arquetípica da totalidade e integração. Whitmont (1991) para falar sobre o ciclo

matriarcal , o culto à grande deusa e a proximidade dos povos originários com a natureza e a forma circular.

Para conceituar o círculo e a mandala também utilizei a perspectiva da geometria sagrada em Nigel Pennick (1980), e seu caráter religioso predominantemente através de Ramos (2006) e Tucci (1984) , entre outros autores.

Ao falar sobre mandalas para a psicologia analítica enquanto símbolo do Self utilizo especificamente Jung (2017,1996) , Nise da Silveira (1981) e imagens de produções plásticas de seus pacientes.

CAPÍTULO 1

A SIMBOLOGIA DO CÍRCULO

Apesar do nosso distanciamento do mundo natural, os seres humanos estão intrínsecamente amarrados às leis do universo e em comunhão com elas. Esta união era mais evidente e forte nos tempos arcaicos, em que a distinção homem-natureza praticamente não existia. Partindo do ponto mais remoto que podemos atingir no passado, a humanidade se desenvolve a partir de uma fase de consciência chamada “animista mágica”, matriarcalmente orientada, antecedente ao pensamento racional. A existência era pautada num estado de unidade simbiótica com o todo, e essencialmente vinculada ao movimento dos ciclos e das forças naturais. No mundo mágico, a dicotomia corpo-mente, dentro-fora é inexistente. (WHITMONT, 1991)

As forças divinas, intrínseca à natureza e ao mundo dos objetos, são adoradas. Acredita-se que elas se manifestam nos corpos humanos, nos animais, nas pedras, na terra, no céu e nas estrelas. “Os antigos”, como observou Sócrates, “não tinham pretensão de serem mais inteligentes que outros seres e estavam muito bem preparados para ouvir uma pedra ou um carvalho caso essas criaturas estivessem falando a verdade (WHITMONT, 1991, p.61).

Segundo Whitmont (1991), a imagem da Grande Deusa imperava, e tudo era vinculado a ela. “É o útero gerador, o poder nutriente da terra, a fertilidade, provedora de todas as necessidades, e também o poder da morte, o horror, decadência e aniquilação” (WHITMONT, 1991, p. 60). A totalidade da existência natural, os ciclos de vida e morte, crescimento e decadência, convivem numa continuidade infinita e equilibrada, cíclica e circular que engloba opostos, existindo apenas o aqui e o agora. Na fase mágica, o que a consciência racional dicotomizou e separou em mundos

interior-exterior, o eu e o outro, seria equivalente em termos psíquicos. Tudo existe em grande sincronia.

Na obra de Whitmont (1991), temos exemplos de níveis mágicos de consciência. Um deles relata sobre mães de uma comunidade da Uganda que carregam seus bebês em cestos presos ao corpo o dia todo. Quando uma destas mulheres foi questionada sobre como sabia o momento dos seus filhos fazerem suas necessidades, simplesmente respondeu: como você sabe o momento em que precisa? Isso ilustra a continuidade de consciência entre as mães e seus bebês, que normalmente consideramos sujeitos separados, de forma sincronizada. As necessidades do bebê e da mãe se indiferenciam, e o fator orientador é o instinto.

Observemos outro exemplo de *continuum* mágico no reino animal como no caso de um naturalista especialista no estudo de animais que realizou uma pesquisa longitudinal de uma determinada família de raposas. Ele observou então um comportamento atípico da mãe raposa, que durante um dia ensolarado, laboriosamente, sobe a encosta de uma colina e cava outra toca, posteriormente transferindo seus filhotes para lá, um a um. No final do dia, acontece uma grande tempestade, que vinha a quilômetros de distância, e que teria matado toda a família inundando a toca antiga, se a mãe não tivesse em íntima sintonia com o fenômeno da chuva (WHITMONT, 1991).

No comportamento do mundo mágico, sujeito e objeto estão perfeitamente adaptados num todo sistemático através do instinto. Todos os seres habitam seus mundos, os quais funcionam em sincronia, unindo-se intimamente num conjunto maior. Podemos entender esta forma de consciência utilizando o conceito de *Unus Mundus*, trazido por Jung, o qual Neumann chamou de Realidade Unitária.

Concretamente, o *unus mundus* se manifesta [...] nos fenômenos sincronísticos. Vivemos normalmente num mundo dualista de eventos “externos” e “internos”, ao passo que num evento sincronístico essa dualidade não existe; eventos externos comportam-se como se fossem uma parte de nossa psique, de tal modo que tudo está contido na mesma totalidade. (VON FRANZ, 1992, p.153)

Sendo assim, a unidade pessoal em um nível de consciência mágico está contida dentro de um sistema orgânico, como a célula dentro de um organismo, e só vive por estar contida, sustentar e ser sustentada por este sistema inteiro. Destacar-se deste sistema seria então renunciar à fonte de existência (WHITMONT, 1991)

É interessante observarmos o caráter mágico na fala de Black Elk, a qual diz que a forma de organização do homem e da natureza é circular. Vivendo em íntima conexão e integração com a natureza, os Oglala Sioux percebem e entendem sua vida de acordo com os movimentos e as formas naturais, cíclicos e circulares, utilizando o círculo como forma cultural simbólica.

Tudo o que a energia do Universo realiza completa-se em um círculo. O céu é redondo e eu escutei que a terra é redonda como uma bola e assim também são as estrelas... O vento, em sua imensa força, faz redemoinhos. Pássaros constroem ninhos redondos, pois eles têm a mesma religião que nós. O sol ascende e declina em círculo. O mesmo faz a lua e ambos são redondos. As estações do ano, em suas mudanças, formam um grande círculo e retornam sempre. A vida dos seres humanos descreve um círculo, de infância a infância, e assim é com tudo o que é movido por uma energia. Nossas tendas eram redondas como ninhos de pássaros e sempre dispostas em um círculo, o círculo do nosso povo, um ninho de muitos ninhos, nos quais nos criamos e cuidamos de nossa criação segundo a vontade do Grande Espírito (WOSIEN apud BLACK ELK , 2002, p. 16).

A expressão latina *unus mundus* vem do vocabulário da alquimia medieval, e tem o sentido de um mundo único, sendo utilizada por Jung para referir a existência de uma unidade que permeia a natureza material e imaterial, e que é vivida na sincronicidade dos acontecimentos (RAMOS, 2006).

A imagem alquímica para o “uno” é o círculo, forma que contém em si o início e o fim. O símbolo do círculo, no hermetismo, exprime a “grande obra da criação” e também o universo. Uma imagem interessante de se destacar, pertencente à simbologia alquímica, é a da serpente (ou dragão) que morde sua própria cauda que denomina-se Oroboros, a qual configura um círculo com seu movimento, engolindo a própria cauda continuamente. A imagem sugere a ideia de continuidade, vida e morte, eterno retorno. (OSTETTO, 2009)

A partir disso, é interessante ressaltar que em diferentes tempos e lugares, o círculo aparece frequentemente habitando o imaginário e compondo a cultura, e as formas de organização dos mais distintos povos, principalmente os povos mais arcaicos, que mantinham uma relação íntima de integração com o todo e com a natureza.

Ao falar sobre arquétipos, Jung especifica que cada um de nós possui uma predisposição para formar imagens a partir de temas típicos que surgem em várias culturas. O autor usa a expressão “imagens primordiais” para a “recorrência de

padrões expressos em imagens, idéias e comportamentos na história de nossa cultura, distribuídos de forma ampla, histórica e geograficamente” (RAMOS, (2006, p. 30). Levando isto em consideração, podemos então afirmar que o círculo é a imagem primordial para uma forma arquetípica de organização que simboliza a totalidade.

Ainda sobre os arquétipos , Jung afirma :

(...) os reinos da mente e da matéria – psique e física – são aspectos complementares da mesma realidade transcendental, o “unus mundus”. Arquétipos são os padrões dinâmicos fundamentais cujas várias representações caracterizam todos os processos, sejam mentais ou físicos. No campo da psique, arquétipos organizam idéias e imagens; no plano físico, eles organizam a estrutura e transformações da matéria e energia?.(...)” (JUNG apud RAMOS , 2006, p. 44)

O círculo é uma forma que une o mundo da matéria e o mundo psíquico. Está presente tanto nas formas de organização da natureza, quanto nas formas de organização da psique como arquétipo. Estamos sempre produzindo círculos quando queremos uma forma integrativa de organização. Rodas de conversa, danças de roda, estádios , cirandas, e até mesmo engrenagens, são formas circulares de organização orientadas por um centro.

Tendo isto em vista, ressalta-se um trecho que ilustra este pensamento:

A forma circular encontra-se no micro e no macrocosmo. Facilmente visível na natureza, dos discos solares e da lua, nas plantas e estruturas geológicas naturais, é perceptível também no corpo humano como, por exemplo, no desenho das células ou no desenho dos olhos. Igualmente é recorrente na cultura, na arte e na produção humana. (OSTETTO, 2009, p. 182)

Ao atribuir sentido aos objetos que tocam a sensibilidade do ser humano - que cultiva relações com o mundo, consigo mesmo e com o outro - surge a necessidade de construção de símbolos para a definição de cultura, definições estas que abarcam o campo da percepção de mundo e experiência humanas (JUNG, 2008). Vemos então a eleição recorrente do círculo pelos povos originários, os quais vivem mais próximos de uma realidade mágica, a qual seria intimamente ligada com a experiência de “unus mundus” . No entanto é importante esclarecer que o funcionamento mágico da

consciência origina-se no ciclo matriarcal, porém não encerra-se nele. Assim, Muller explica este fato com o seguinte trecho:

(...)A espécie humana pode ser considerada como um todo, um conjunto que está trilhando um caminho(...). Percebeu-se que que padrões poderiam ser atribuídos a certos períodos da história da humanidade. Ciclos e etapas regidos por arquétipos, que se constelam no coletivo. O arquétipo que tem grande influencia sobre uma época não lhe é exclusivo, está disponível em todos os tempos no inconsciente coletivo, conforme a necessidade do indivíduo (MÜLLER, 2008, p.16).

A partir disto pode-se entender melhor porque era mais comum que nas culturas dos povos originários as construções fossem circulares em sua grande maioria. Vemos exemplos nas cabanas circulares do povo nativo norte americano sioux, até as iurtas dos mongóis, como também em diversas aldeias de outros povos originários espalhados pelo mundo, inclusive no Brasil . É importante ressaltar que em diversas tradições, o homem tenta reproduzir, inconsciente e conscientemente, de forma contínua , os modelos, estruturas e alinhamentos do universo (PENNICK, 1980).

Figura 1 – Interior de uma iurta



Fonte: Blog Lendo e Entendendo, 2018. Acesso em:

<https://lendoentendendo.wordpress.com/2018/01/21/mongolia-bernardo-carvalho/>

Figura 2 – Reprodução de cabanas da grã Bretanha neolítica, próximas ao monumento Stonehenge



Fonte: Blog Vida Cigana, 2021. Acesso em: <https://vidacigana.com/monumento-stonehenge-inglaterra/>

Figura 3 – Cabana Sioux



Fonte: Site Instituto René Guénon de Estudos Tradicionais
Acesso em: <http://www.renegenon.net/LarLPontual.html>

A forma circular imitou a redondeza do horizonte visível, fazendo de cada construção, na verdade, um pequeno mundo em si mesmo (PENNICK, 1980)

Tomemos como exemplo também , a organização do povo indígena Bororo, que localiza-se na região centro-oeste do Brasil. (CAIUBY,1983)

Figura 4 -



Fonte: Caiuby, 1983

Acesso em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo>

As moradias são dispostas em forma de círculo. Mesmo nas aldeias em que as casas estão dispostas de modo linear por influência dos missionários ou agentes do governo, a circularidade da aldeia é considerada a representação ideal e original do espaço social e do universo cosmológico Bororo. Na complexa organização social deste povo, a regra de descendência é matrilinear, de modo que, ao nascer, a criança receberá um nome que a identificará ao clã de sua mãe. (CAIUBY,1983)

Uma imagem comum e bastante conhecida é a do círculo com um ponto ao centro, significando o Sol. Encontramos esse mesmo símbolo no mito de criação do universo segundo a tradição oral Guarani, para a qual o círculo com um ponto no centro significa Ñamundu — o Grande Mistério, o Imanifestado, o Um. (JECUPÉ, 2001, p. 22-25)

Temos também o exemplo de organização circular do povo Krahô, um círculo orientado a partir de um centro, localizado no Tocantins (CARELLI,1983)

Figura 5 -



Fonte: Vincent Carelli, 1983

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krah%C3%B4>

Para a astrologia, o ideograma que simboliza o sol ,disposto na mandala astrológica, é também um círculo com o ponto no meio. Segundo a obra de Howard Sasportas (2015): “ O círculo, que não tem começo nem fim, representa o ilimitado e o infinito. O ponto, por sua vez, representa o indivíduo como entidade separada, aquele que tem sua própria identidade pessoal mas ainda sim faz parte de um todo maior” (p. 150).

Figura 6 – A mandala astrológica



Fonte: Blog Academia do Tarot, 2017.

Acesso em: <https://academiadotarot.wordpress.com/2017/06/24/mandala-astrologica/>

A grosso modo, a carta astrológica é uma fotografia do céu, como este se achava no local e na hora do nascimento de um indivíduo, ilustrando as posições dos planetas em relação a terra, a qual fica no centro da figura. Em volta da terra, temos

o cinturão zodiacal, dividido em constelações, as quais tem um signo correspondente. Durante a movimentação cíclica dos planetas, estes passam pelo ambiente de uma constelação.

Cíclicos, circulares e previsíveis, os corpos celestes tentam manter seus caminhos e ater-se a seus próprios movimentos. Talvez com o intuito de atribuir um significado e uma ordem a suas vidas, nossos ancestrais humanos observaram uma relação entre os eventos celestes (os movimentos do sol, lua e dos planetas) e a vida na terra. (SASPORTAS, 2015 p.23)

Com a ascensão do ciclo patriarcal , temos um processo de diferenciação do todo. A visão cada vez mais fragmentada do meio e do corpo, a distinção, dicotomização e polarização da vida foi afastando o indivíduo da Grande Mãe, em um longo processo. Diferenciando-se do todo, o homem é “expulso do paraíso” e passa a conseguir construir e a operar no mundo, produzir abrigos, construir ferramentas e aos poucos ir manipulando o ambiente para a sua sobrevivência, ao invés de ficar a mercê dele, dentro da lógica Una da grande mãe, na qual morte e vida não são vistas como ideias e acontecimentos separados. A percepção do Eu como algo isolado do ambiente ganhou força e permitiu com que o homem manipulasse e dominasse as forças da natureza, nutrindo aos poucos um sentimento de superioridade. A grande Deusa é substituída por um Deus. A divindade que antes era inerente a toda natureza, agora é projetada de forma antropocêntrica como uma figura externa, masculina e superior. (MÜLLER, 2008)

A quebra lenta e gradual da realidade unitária permite com que o homem opere no mundo. Porém, gera uma falta irreparável, a qual faz a humanidade emergir em uma experiência incompletude A ausência do feminino, move o ego em busca de um complemento que parece difícil alcançar . A psique é cindida, a partir daí cria-se o modo de consciência patriarcal, polarizador (MÜLLER, 2008).

O movimento hierarquizante é tipicamente patriarcal. Whitmont (1991) chama esta fase de mental, o início das grandes civilizações, da busca pela normatização e uma forma correta de se viver, e da cisão cada vez maior da mente e do corpo, do dentro-fora, corpo-terra, eu e não eu. Surgem as culturas com o anseio de dominar e subjugar tudo à sua volta, civilizar, colonizar e explorar o mundo e as demais formas

de vida. Segundo Müller (2008), o eu separa-se da natureza e muitos dos comportamentos de dominação e vontade de poder provenientes desta cisão podem ser explicados pela necessidade de suprir a falta que a dissociação da grande mãe traz. A desconexão com o instinto e a ascensão do pensamento racional patriarcal é o que impera hoje em dia nos grandes centros urbanos.

A cultura patriarcal surge no momento em que , por alguma circunstância particular contingente, se perde a confiança no mundo natural. Com a perda da confiança busca-se o controle. Com a busca do controle , surge a negação do outro, a proteção. É o distanciamento do ser humano do mundo natural , não através da técnica, mas do espírito , que ele deixa de se sentir parte do ambiente. (MATURANA, 2005).

Nos grandes centros urbanos modernos, onde a forma de consciência é fortemente patriarcal e racional, é curioso reparar a forte recorrência da forma quadrada presente nas telas das mais variadas tecnologias, casas, construções. A forma quadrada passa a ser mais presente do que as formas circulares. (MULLER, 2008)

Figura 7 – Cidade de São Paulo



Fonte: Diogo Moreira, 2021. Divulgação Governo de São Paulo

Segundo Albert Hoffman em uma entrevista para a revista El paseante:

Es algo parecido a un ciclo vicioso, pues la experiencia de la realidad más profunda- la experiencia de la unidad esencial de toda vida -se ve ahogada por un medio que manos humanas han exterminado, como acontece con nuestras grandes ciudades. En ellas parece especialmente evidente necesario el contraste entre uno mismo y el

mundo exterior. Las sensaciones de una realidad dividida acompañan a la conciencia cotidiana allí donde impera la civilización tecnológica. (1989 p. 119).

O quadrado é uma forma construída. Representa o controle humano sobre o mundo à sua volta. Não há na natureza nada que seja exatamente quadrado, pois para isso, é necessário que o elemento seja formado de linhas perfeitamente retas, e com os quatro lados e ângulos idênticos. Por suas características construtivas o quadrado é uma forma que representa o domínio da racionalidade humana sobre a natureza, da precisão, da perfeição matemática, relaciona-se ao cálculo (PENNICK, 1980). Segundo o autor, o quadrado agrega ainda significados como solidez, estrutura, estabilidade, ordem.

Cada indivíduo , em seu caminho de desenvolvimento pessoal, o caminho de individuação, retoma inconscientemente o caminho feito pela humanidade em suas fases e estágios de consciência. O caminho rumo à individuação pessoal passa por todos os ciclos que já predominaram na história da evolução da consciência coletiva. Sendo assim é necessário passar pelo ciclo matriarcal, patriarcal, ou seja, por um estado de unidade, posteriormente diferenciação e cisão, entre outros estágios , para desenvolvermos nossas potencialidades plenamente (NEUMANN, 1995).

Desde o nosso nascimento até a maturidade passamos por questões, conflitos e vivências tipicamente humanas, que conversam em essência e são comuns a toda humanidade. “Cada indivíduo traz dentro de si um modo de atualização e continuação deste processo histórico. Absorve e vive questões de sua época , e a partir desta vivência individual contribui consciente ou inconscientemente para o desenvolvimento do processo coletivo”. (MULLER, 2008, p. 16)

Portanto , é correto afirmar que o desenvolvimento individual da totalidade de uma personalidade só pode se dar em relação com o todo e com o coletivo. O processo de individuação, que é arquetípico, e inerente a toda a humanidade, é comparável a uma força instintiva que impulsiona o indivíduo a tornar-se o que é, realizar a meta do si-mesmo, vir a ser uma unidade única e particular que compõe o Todo, interagindo de forma integrada com ele em um sistema orgânico.

Esta força arquetípica de individuação tem por imagem primordial correspondente a mandala. Tradicionalmente, o desenho de uma mandala é

composto pelo círculo, símbolo do cosmo, e pelo quadrado, símbolo da terra ou do mundo construído pelo homem . (TUCCI, 1993).

O círculo está intimamente relacionado com o orgânico, enquanto que o quadrado, ao mecânico, tecnológico. “O círculo combinado com o quadrado é um símbolo arquetípico de Carl Jung que estabelece relações entre a mente (círculo) e o corpo ou a realidade material (quadrado)” (SOUSA apud TRESIDDER, 2000, p. 149).

Ricamente ornamentadas, com cores e formas geométricas, as mandalas cumprem um importante papel em várias tradições, sendo utilizadas com funções religiosas, em rituais e meditações, como expressão da espiritualidade , na dança e na educação. Além de tudo, tomando a perspectiva de um plano físico e material , podemos encontrar mandalas na natureza como formas da geometria sagrada. (RAMOS, 2006)

Vamos nos aprofundar mais sobre o simbolismo e a função sagrada e espiritual da mandala no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

MANDALA NA NATUREZA E COMO EXPRESSÃO DO SAGRADO PARA AS RELIGIÕES E RITOS

A lei do mundo é o movimento, a lei do centro é a quietude. Viver no mundo é movimento, atividade, dança. A nossa vida é um dançar constante ao redor do centro, um incessante circundar o Uno invisível ao qual nós – tal como o círculo – devemos a nossa existência. Viemos do ponto central – ainda que não o possamos perceber – e temos saudades dele. O círculo não pode esquecer a sua origem – também sentimos saudades do paraíso. Fazemos tudo o que fazemos porque estamos à procura do centro, do nosso centro, do centro (THORWALD DETHLEFSEN, 1984 apud DAHLKE 2003, p.6).

A mandala é uma forma circular, que para várias culturas e religiões, é um diagrama simbólico das estruturas do universo (SOUSA, 2012). Vemos as mandalas distribuídas amplamente pela natureza como essência formal de vários elementos, como aponta Ramos (2006).

Quando retratada culturalmente, é mais comum tratar-se de uma figuração geométrica em que o círculo está circunscrito num quadrado , ou o quadrado num círculo, ou um círculo com divisões quaternárias. Como consta na obra *Mandala Symbolism* de Jung, originalmente de 1959, a mandala, quando produzida individualmente, dependendo do quão consciente for a produção, não segue um padrão definido, podendo ser também uma imagem circular organizada em torno de um centro, a qual aglutina símbolos e formas variadas em seu interior, possuindo subdivisões mais ou menos regulares, geometricamente organizadas ou não (JUNG, 2017). “Parece irradiar do centro ou mover-se para dentro dele, dependendo da perspectiva do indivíduo” (SAMUELS, SHORTER e PLAUT, 1998, apud SOUSA, 2012, p. 25).

Figura 9 - Pollycytaria
Fonte: Ernst Haeckel, 1974

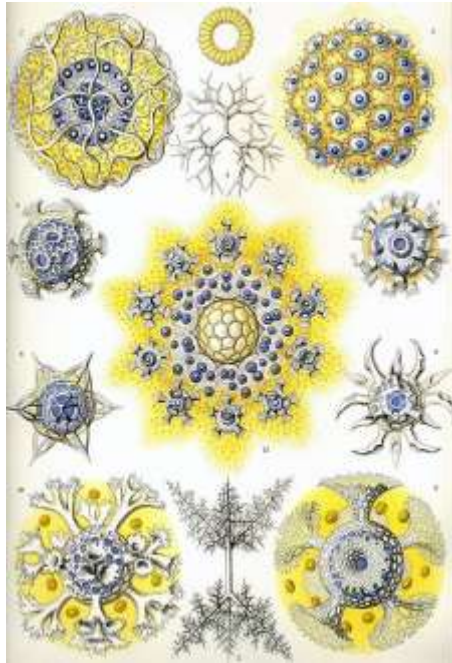


Figura 10 - Suculenta *Echeveria Mandala*

Fonte: Blog Cantinho Verde , Horta e Jardim, 2021 . Acesso em nov 2021:

<https://batatadoceira.blogspot.com/2021/04/echeveria-mandala.html>



Figura 11 - Floco de Neve

Fonte: Jornal Estadão, 2021

Acesso em nov 2021: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/nytiw.ciencia-floco-de-neve-fotografia,70003685847>



Tomando a mandala como uma forma da natureza, podemos entendê-la através da perspectiva geométrica (RAMOS, 2006) . A palavra geometria significa “medição da terra” (geo= terra e metria= medida). Tal como coloca Pennick (1980) ordem da geometria está presente na estrutura de todas as coisas, da molécula à galáxia, do menor vírus à maior baleia.

A geometria encarrega-se de estudar padrões matemáticos nas medições da essência formal da matéria, chegar a sua versão mais pura e simples, traçando proporções e relações entre elementos. Para geometria e para alquimia , o círculo é forma matriz de todas as outras formas presentes na natureza (PENNICK, 1980).

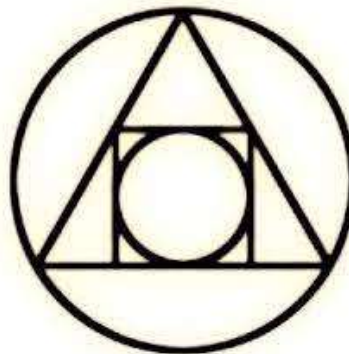
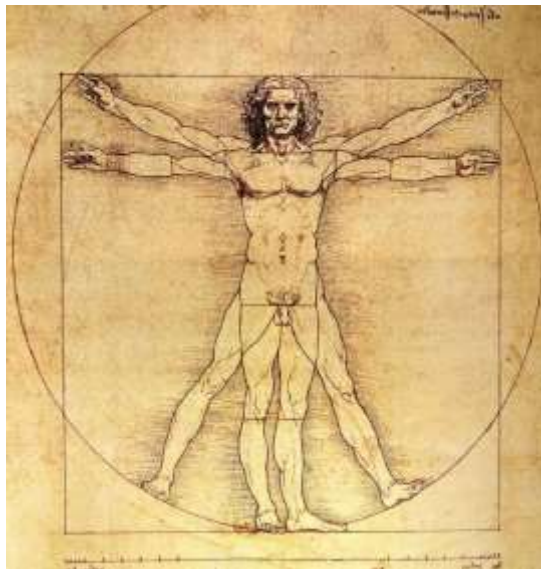
Segundo o antigo tratado alquímico, Rosarium Philosophorum, temos a Pedra dos Filósofos , uma forma mandálica. “Faze um círculo ao redor do homem e da mulher, desenha fora dele um quadrado, e fora do quadrado um triângulo. Faze um círculo ao redor dele e terá a pedra dos filósofos” (PENNICK, 1980, p.16).

Com base na figura fundamental do círculo seria possível produzir o quadrado e depois todas as outras figuras geométricas, utilizando apenas régua e compasso. A própria imagem do homem vitruviano de da Vinci, que procura estudar a perfeição geométrica manifestada no corpo humano, está contida na pedra dos filósofos, sendo uma forma mandálica, em que o corpo está inserido em um quadrado dentro de um círculo. sendo o umbigo, o centro do círculo. (PENNICK, 1980)

O *Homem Vitruviano* é uma obra feita a partir de cálculos matemáticos: a área total do círculo é equivalente à área do quadrado. Em termos simbólicos, o círculo está ligado à noção de movimento e ao mundo espiritual, ao cosmo, ao passo que o quadrado simbolizaria a estabilidade, o contato com o mundo terreno e a produção

racional humana, a distinção entre os quatro elementos da natureza e a posição dos ventos. (GOMES, SANTOS, FILADELPHO, ZAPPA, 2009)

Figura 12 e 13- O Homem Vitruviano e a Pedra dos Filósofos



“É importante sublinhar, que para os geômetras gregos (...) a geometria não era ciência meramente aplicativa. Significava a chave de acesso a toda compreensão do universo“ (RAMOS, 2006, p. 82).

A harmonia inerente a geometria foi logo reconhecida como a expressão convincente de um plano divino que subjaz ao mundo, um padrão metafísico que determina o padrão físico. (PENNICK, 1980). Segundo o autor, a geometria sagrada está ligada à filosofia e a vários princípios místicos , como na importante máxima

alquímica, de Hermes Trismegisto “ acima como abaixo” ou “ o que está no mundo menor (microcosmo) reflete o que está no mundo maior ou universo” (macrocosmo) .

Usando a pedra dos filósofos como exemplo, temos uma forma mandálica matriz e ordenadora, que contempla as proporções das formas mais simples, até as mais complexas , incluindo o corpo humano em sua constituição harmônica. Podemos considerar então que a forma mandálica não diz respeito somente a medidas matemáticas nas proporções das figuras e formas geométricas, mas também as relações harmônicas da participação destas formas nas configurações de muitos elementos da natureza.

Tendo tudo isto em vista, não era de se admirar que templos e monumentos religiosos fossem construídos a partir da geometria sagrada. Queria , com isso, imitar a perfeição dos alinhamentos e das formas da criação , aproximando o homem do divino. A realidade interior prevista pela geometria, a qual transcende a forma exterior, serviu como base para todas as estruturas sagradas ao longo da história. (PENNICK, 1980)

Figura 14 – Templo de Borobudur

Fonte: Ramos, 2006



A construção dos templos – como o de Borobudur – em forma de mandala, tem por objetivo monumentalizar a vivência e “deformar” o mundo até fazê-lo apto para expressar a idéia de ordem suprema na qual possa o homem, (...), penetrar como entraria em seu próprio espírito. Nas mandalas de grande tamanho, desenhadas no chão por meio de fios coloridos ou de pós de diversas cores, dá-se o mesmo. Menos que à contemplação, servem à função ritual de penetrar em seu

interior gradualmente, identificando-se com a pessoa em suas etapas e áreas. Este rito é análogo ao da penetração do labirinto (a procura do “centro”), e seu caráter psicológico e espiritual é evidente (RAMOS 2006, p.15).

As mandalas, sempre estiveram presentes na arquitetura de diversos monumentos sagrados das mais diversas culturas. Temos exemplos nas religiões católica, islâmica, budista, entre outras. Para Pennick (1980) Toda forma geométrica está investida de significado psicológico e simbólico, algumas podendo até representar poderosas imagens arquetípicas de fé.

Para a religião islâmica, o mundo está configurado em torno de uma grande roda, com linhas imaginárias que ligam todas as mesquitas e seus fiéis ao seu centro, a cidade de Meca, onde nasceu o profeta Maomé. A cidade de Meca também tem seu centro, que é Kaaba, uma construção cúbica que guarda a “rocha negra”, um meteorito que se crê ter sido dado a Abraão pelo próprio anjo Gabriel. É para Ka’ba que o fiel aponta seu corpo durante suas orações diárias. Uma das obrigações de todo muçulmano é peregrinar ao “centro do mundo “ pelo menos uma vez na vida e circundá-lo por 7 vezes, no senti anti-horario.

Como aponta RAMOS (2006), “a mandala da grande mesquita sagrada guarda a multidão que cumpre seu papel na ordem cósmica, num gigantesco redemoinho físico e de energia psíquica” (p.120).

No budismo tibetano é necessária uma preparação de em média 3 anos para participar do ritual de construção de uma mandala, a qual é desenhada no chão com grãos de areia colorida, e pode demorar até um mês para ser finalizada. O ritual em si é impregnado de simbolismo, e é preciso obedecer uma série de condutas durante o trabalho de produção da figura sagrada. Um exemplo é a importância dada ao sentido de movimentação em torno da figura enquanto é pintada.

A construção de uma mandala pode levar até mais de um mês, e seu objetivo é viabilizar o indivíduo que a produz a entrar em contato com a própria essência, com seu próprio centro, através de um estado meditativo profundo. Após finalizado o processo, a mandala é desfeita e a areia utilizada em sua construção retorna à natureza, reforçando uma ideia circular e cíclica de natureza (RAMOS, 2006). Tucci

explica que o que ocorre no processo é uma identificação com a mandala, através de um reconhecimento de si no símbolo, durante o processo.

(...)O desacordo da alma desaparece e sobre sua agitação plana uma luz serena e imóvel. Por conseguinte, a leitura da mandala, a revivescência no íntimo da própria consciência dos momentos que ela própria representa, percorrendo espiritualmente e ordenadamente as várias etapas que são projetadas simbolicamente sobre sua superfície, produz uma reabsorção. Pouco a pouco, o discípulo, passando gradualmente de um setor ao outro de seu diagrama, isto é, de um estado interior a outro sucessivo e mais completo que não anula o precedente, mais o supera contendo-o em si mesmo, atinge o ponto central.(...) o discípulo, percorrendo as diferentes partes, termina por achar-se no centro de sua própria pessoa física que então experimenta a catarse mandálica, ou mentalmente, quando, concentrando-se nos desenhos da mandala, ele realiza em si mesmo, a verdade contida na mandala. (TUCCI, 1993, p.85)

O propósito da construção da mandala tibetana é parecido com o da mandala navaja, a qual também é feita com grãos de areia colorida, durante um ritual carregado de simbolismos, cânticos sagrados e danças. O ritual é convocado sempre que um indivíduo da comunidade é considerado doente pelo xamã, com a intenção de restituir a harmonia e o equilíbrio de tal indivíduo consigo mesmo e com a natureza que o circunda, proporcionando o contato do mesmo com seu próprio centro, num intuito organizador e harmonizante. A mandala navaja tem a função ritual de penetrar no interior do indivíduo gradualmente, identificando-se com a pessoa em suas etapas e áreas (RAMOS, 2006).

Também aqui os desenhos usam uma imensa variedade de símbolos. Por vezes o xamã evoca imagens míticas; sagas dos heróis de sua cultura ou caçadas. Outras imagens dão forma a valores necessários ao restabelecimento do doente; búfalos e lobos exprimem frequentemente força e adaptabilidade respectivamente. O xamã conhece a ordem das coisas. Ordena as imagens de forma que todas possam se relacionar, contidas sempre num campo, aberto, e sob seu domínio. Compõe a geografia em harmonia com os ritmos do tempo, e com os estágios da vida humana, por exemplo. Vê a ordem que há nos eventos da vida, e a traduz em mandala. O paciente é colocado em seu centro. Há uma clara intenção de identificar a psique ou o corpo desequilibrado com a ordem expressa no desenho. (RAMOS, 2006, p. 160)

Por último, se faz relevante destacar a dança Sema, a dança mandálica dos Devirxes. A dança é uma das formas mais instintivas de expressão de nossa espécie, várias destas danças tem a intenção de criar uma imagem simbólica e sagrada, com a organização e harmonia dos corpos dançantes no espaço. “Sema” dos Dervixes sufi s é uma destas manifestações. Ela reproduz um modelo análogo ao do sistema solar. Como os planetas giram em torno do sol e a terra gira em torno do seu próprio eixo, os dervixes giram seus corpos ao redor de um centro interno, e um centro projetado no ambiente (WOSIEN, 2002). O centro é o ponto de contato entre o ser e o divino. Assim o discípulo se desloca do exterior às camadas mais profundas, percorrendo um circuito mandálico.

Figura 20 -



Fonte: Blog Portal Big Bang, 2020.

<https://portalbigbang.com/2020/08/11/danca-sufi-o-ritual-sema-da-ordem-dos-dervishes/> acesso

nov.21

De acordo com os rituais que envolvem mandalas, principalmente os de concepção oriental, o símbolo mandálico não é apenas expressão, mas também atuação. Ele atua sobre seu próprio autor, e à medida que o mesmo avança sobre suas camadas, vai entrando em estado de transe, aprofundando em estado meditativo sobre sua própria psique. O indivíduo torna-se unificado com o símbolo que produz,

pouco a pouco as inquietações apaziguam, e ganha força um senso de organização interna que se instala a partir da ordem expressa pela imagem.

A meta da contemplação dos processos representados na mandala é que o iogue perceba (interiormente) o deus, isto é, pela contemplação ele se reconhece a si mesmo como deus, retornando assim da ilusão da existência individual à totalidade universal do estado divino (JUNG, 2006, p. 353)

Além da produção ritualística, a produção individual de desenhos mandálicos se dá desde os tempos mais remotos. Vemos pinturas rupestres neolíticas que já retratavam a figura, até em sonhos e desenhos contemporâneos de pacientes psiquiátricos esquizofrênicos, isolados da cultura, ambos distantes de um estabelecimento cultural e temporalmente separados. A mandala assim pode ser considerada uma imagem interna, inerente ao ser humano. (SILVEIRA, 1981)

É importante ressaltar o aparecimento espontâneo de mandalas em experiências psíquicas que possuem certo grau de inconsciência e livre imaginação vivenciadas atemporalmente pelo homem, como em sonhos e em visões esquizofrênicas, assim como em trabalhos artísticos de pacientes psiquiátricos ou indivíduos que passam por alguma fase de conflito e contradição, precisando organizar-se. Tais ocorrências vêm sendo estudadas principalmente pela psicologia analítica.(JUNG ,2017)

O aparecimento das formas mandálicas se dá após momentos de pânico e caos psíquico. O efeito de tal visão é a de transformar a confusão em uma ordem, sem que tal intenção seja sempre consciente. Em todo caso, as mandalas expressam ordem equilíbrio e totalidade, trazendo efeitos benéficos e tranquilizadores, afirma Jung (2017).

Seu tema seria um pressentimento de um centro da personalidade, um lugar interior da alma com o qual tudo se relaciona e que ordena todas as coisas, representando ao mesmo tempo uma fonte de energia. A energia deste ponto central seria traduzida no forte ímpeto de tornar-se o que é, tal como todo organismo é compelido a assumir uma forma essencialmente própria. Este centro, para o autor, seria pensado como o Si-mesmo, o que estaria acima da idéia de “eu”. Este ponto central não diz respeito apenas à consciência e ao que o ego identifica como

característica própria, mas também à todo substrato inconsciente da psique. (JUNG, 2017)

CAPÍTULO 3

MANDALAS PARA PSICOLOGIA ANALÍTICA

A Psicologia analítica visa, entre outros aspectos, entender o desenvolvimento humano individual como um processo trilhado individualmente e coletivamente, o processo de individuação.

Considera a vida como um fluxo, baseada no movimento dialético, que se dá em busca de equilíbrio. Pode-se dizer que a existência possui a finalidade de tornar-se mais completa via movimento dialético, e que segue um rumo, um porvir futuro. “Como um rio que deságua no mar, é na direção do Self e da compensação consciente- inconsciente que a vida e o ego se desenrolam, fluem” (MULLER, 2008 p.9).

A dialética, como diz o nome, é um diálogo entre dois: dois pólos, duas pessoas, dois inconscientes, dois campos (consciente-inconsciente). Um processo dinâmico de trocas interações mútuas , interferências que transformam suas partes constituintes. Gera paradoxo, contradições e tensões, e também confluências. Do movimento dos pólos -tese antítese- resulta uma interação, chamada síntese, que se constitui em um terceiro que supera a dualidade. Um símbolo transcendente. Esta é a forma junguiana de pensar as relações, os elementos constituintes da psique e interpretá-los. (MULLER, 2008, p.9)

Pensando de forma dialética , os dois opostos estão sempre se afetando, a fim de formar um terceiro produto, uma versão uma expandida que integra estes opostos. Jung afirma que a consciência humana busca o movimento de abrir-se para o inconsciente a fim de se renovar e transformar-se, tornando-se uma unidade coesa cada vez mais singular. Quando uma determinada estrutura consciente se torna uma acomodação ordinária e estagnada, abre, passiva ou ativamente, espaço para a sua antítese, a fim de evoluir para uma síntese nova (GAETA, 2019)

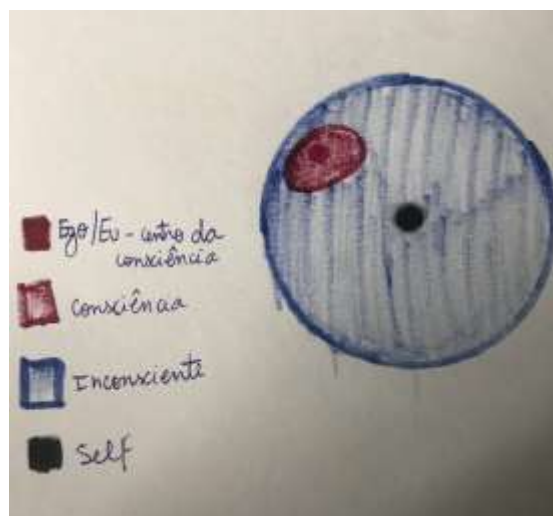
Uma incompletude, provocada pela cisão entre sujeito objeto, consciente- inconsciente, eu-outro, faz com que busquemos o pólo complementar rumo a

totalidade. Este polo, mesmo deslocado para o inconsciente, continua existindo e exercendo influência em nós, graças ao movimento de compensação. Assim ressurgue novamente na consciência propiciando embate e posterior integração (MULLER, 2008)

Integrar aspectos inconscientes à consciência não é uma tarefa fácil, no entanto é só a partir deste meio que podemos ampliar a nossa consciência e nos tornarmos mais maduros, mais adaptados e mais aptos a imprimirmos nossa marca no mundo, no coletivo, na sociedade, desempenhando nosso papel, e contribuindo simultaneamente para o desenvolvimento e atualização do todo. Nos tornamos uma unidade singular inserida numa teia de relações, compondo uma outra unidade maior.

Mesmo havendo resistência do ego aos conteúdos inconscientes, estes acabam se expressando na consciência. São energias que precisam de vazão, potenciais arquetípicos em busca de realização. O arquétipo do SELF é o mediador entre as polaridades, é ele que propicia o rumo em direção à integração destes conteúdos na consciência, e é ativado nas fases de contradição. Aqui temos uma pequena imagem que ilustra a totalidade psíquica e as relações entre ego, consciência, Self e inconsciente, segundo o modelo proposto por Jaffé na obra “O homem e seus símbolos” (2002).

Figura 21 -



Para Jung, o inconsciente seria dividido em dois substratos, o pessoal e o coletivo. Ele explica que o inconsciente coletivo é formado por arquétipos, os quais são “(...) cum grano salis’ os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo (...) Já os conteúdos do inconsciente pessoal seriam principalmente “ os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica” (JUNG, 2006, p.15).

Para Jung, os arquétipos poderiam ser comparados aos instintos. Instintos seriam fatores impessoais, universalmente difundidos e hereditários, de caráter extremamente mobilizador, encontrando-se frequentemente longe do limiar da consciência. Seriam forças motrizes especificamente formadas, que perseguem suas metas inerentes antes de sua conscientização. Por isso os instintos seriam analogias rigorosas dos arquétipos, havendo assim boas razões para a suposição de que os arquétipos seriam imagens inconscientes dos próprios instintos. Em outras palavras, representariam o modelo básico do comportamento instintivo, o qual vai ser moldado de acordo com a consciência, através do período histórico, contexto cultural, classe social, etc etc, como produto de uma teia de relações (JUNG, 2006).

O círculo e a mandala são símbolos da força arquetípica do SELF agindo sobre a consciência em um momento de reestruturação e expansão. O símbolo para a psicologia analítica desempenha a função transcendente, a chave de integração dos conteúdos inconscientes à consciência, uma forma de representação que transita entre os dois mundos (JUNG , 2002)

As formas mandálicas simbolizam para a consciência então, a integração e organização dos conteúdos inconscientes, rumo à jornada arquetípica da expressão da totalidade como unidade integrada, sendo assim uma força imagética que representa a integração de conteúdos e unificação de opostos, ordenada e organizada à partir de um centro, sendo assim a expressão do si-mesmo.

Von Franz (apud FINCHER, 1999) conceitua:

(...) símbolo representa uma experiência do Self, que liberta o indivíduo de um ponto de vista limitado pelo tempo e pelo espaço[...] através dessa janela o homem toca o eterno em Si-mesmo, e ao mesmo tempo o eterno pode alcançar o mundo restrito no tempo. (p. 151-152)

Os períodos de transição, contradição, desorganização e turbulência, são geralmente períodos em que a psique produz espontaneamente mandalas. Estas podem estar expressas em sonhos, através de pinturas, desenhos e rabiscos. Aparecem logo depois de estados caóticos e desordenados, expressando a idéia de refúgio, da reconciliação interior com a totalidade e com a própria natureza.

Em sua biografia, Jung conta da sua experiência particular com as mandalas e como observou quanto estas figuras expressavam o Si-mesmo. Neste capítulo, fala sobre um período de sua vida que houve um embate e posterior rompimento com Freud, exigindo que ele criasse uma posição nova e desenvolvesse uma nova construção teórica referente ao tratamento de seus pacientes. Nessa mesma época, ainda tomado por um emaranhado de questões pessoais, eclode a primeira guerra mundial.

O autor relata sentir fortes pressões internas e viver sob tensão, como se suas estruturas fossem desabar, ameaçadas por forças inconscientes profundas, imagens e fantasias. Então decide mergulhar em seu mundo interior, dar voz a tais imagens latentes, trazendo símbolos que estas evocavam à consciência a fim de personificá-las, através da arte, de reflexões escritas e relatos. Jung então pensa estar próximo de uma psicose, que, para a teoria analítica, seria o inundamento do inconsciente sem uma elaboração consciente do ego, num período de solidão, isolamento e introspecção.

Para apreender as fantasias que me agitavam de maneira subterrânea, era necessário descer a elas.(...) Temia perder o autocontrole, tornando-me presa do inconsciente, e, como psiquiatra, sabia claramente o que isso significava. No entanto, era necessário ousar e tentar apoderar-me dessas imagens. Se não o fizesse, corria o risco de ser tomado por elas. Um motivo importante na apreciação desses riscos era minha convicção de que não poderia esperar de meus doentes que tentassem aquilo que eu mesmo não ousara fazer (JUNG, 1996, p. 222)

Alguns anos depois que Jung inicia sua negociação com o inconsciente, sente uma época de transformação se instalar. É neste período que pinta sua primeira mandala, forma que não entendera primeiramente mas foi aos poucos compreendendo. Todas as manhãs, menciona esboçar em um livro de notas um pequeno desenho de forma redonda, uma mandala, que parecia corresponder a sua situação interior. Com base na observação destas imagens, conseguia entender como as transformações psíquicas operavam em seu interior. (JUNG, 1996)

(...) A irritação e o desacordo comigo mesmo suscitaram no dia seguinte uma mandala alterada. Uma parte do círculo estava amputada e a simetria perturbada

Só pouco a pouco compreendi o que significa propriamente a mandala: Formação-- Transformação, eis a atividade eterna do eterno retorno. A mandala exprime o si-mesmo, a totalidade da personalidade que, se tudo está bem, é harmoniosa, mas que não permite autoengano.

Meus desenhos de mandalas eram criptogramas que me eram diariamente comunicados acerca do estado de meu " Si-mesmo." Isto é, minha totalidade, estava em ação. É verdade que inicialmente só podia compreender tal processo intuitivamente; entretanto os desenhos já me pareciam possuir o mais alto significado e eu os guardava como pérolas raras. Tinha o claro pressentimento de algo central e, com o tempo, adquiri uma representação viva do Si-mesmo. Ele aparecia como uma mônada, que sou eu e que é meu mundo. A mandala representa esta mônada e corresponde à natureza microcós mica da alma. Nem sei quantas mandalas desenhei nesta época; em todo caso foram muitas (JUNG, 1996 p. 241-242)

Ainda acrescenta:

Obrigado a viver, eu mesmo, o processo do inconsciente, tivera que me abandonar inicialmente a esse fluxo, sem saber para onde seria levado. Só quando comecei a pintar as mandalas vi que o caminho necessário a percorrer e cada passo que dar. Tudo convergia para um

certo ponto, o do centro. Compreendi sempre mais claramente que a mandala exprime o centro e que é a expressão de todos os caminhos: é o caminho que conduz ao centro, a individuação.

De 1918 a 1919, tornou-se claro para mim que a meta do desenvolvimento psíquico é o Si-mesmo. A aproximação em direção a este último não é linear, mas circular, isto é, "circum ambulatória". (...) compreender isso deu-me firmeza e progressivamente, restabeleceu-se a paz interior. Atingira com a mandala - a expressão do si mesmo- a descoberta última que poderia chegar. Alguém poderia ir mais além, eu não. (JUNG, 1996, p. 242- 243)

Jung relata que, anos mais tarde, em 1927, um sonho confirma a sua ideia sobre o Si-Mesmo, ainda não publicada. Sonha com uma mandala , que pode ser encontrada na obra *O Segredo da Flor de Ouro*. Percebe que, curiosamente, a figura parece chinesa. Numa estranha coincidência, recebe um pouco depois, de Richard Wilhelm, um manuscrito de um tratado alquimista chinês taoísta intitulado *O segredo da flor de ouro*, obra que o fornecia uma confirmação inesperada no tocante às suas reflexões sobre a mandala e a deambulação em torno do centro. Este acontecimento rompe então a sua solidão e revela um parentesco, uma sincronicidade, a qual poderia estar vinculada com o inconsciente coletivo, o que revelaria o significado simbólico arquetípico da imagem (JUNG, 1996).

O autor então passa a dedicar-se e a dirigir o seu olhar para a expressão sagrada das mandalas e seu significado em diversas culturas e tempos históricos ao redor do mundo e relacioná-las às obras de seus pacientes, os quais ele encorajava pintar as imagens e expressar as imagens e símbolos sempre que estes lhes vinham à mente. No ensaio *Mandala Symbolism* (1959), quanto no livro "Arquétipos e inconsciente coletivo" (2006), analisa uma grande quantidade de mandalas rituais, de pacientes, entre outras.

Figuras 22- Mandalas pintadas por uma paciente de Jung, encontradas no livro *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2006)



Recorrentemente apareciam mandalas em casos de dissociação psíquica e desorientação, como por exemplo, nos desenhos de crianças entre as idades de 8 a 11 anos cujo pais estavam em processo de divórcio, ou em adultos, como um resultado da neurose e o problema da conciliação de opostos na natureza humana. Também apareciam principalmente em desenhos de psicóticos que apresentavam alto nível de desorganização decorrente da invasão incompreendida de conteúdos inconscientes. Nestes casos, segundo ele era fácil perceber como o severo padrão circular imposto pelo centro compensava a desordem e as contradições, provocando estados de relaxamento (JUNG, 1959).

Constatava cada vez mais o aparecimento da forma como uma tentativa de autocura da natureza, a qual brotava de uma fonte instintiva, o que confirmava cada vez mais a associação da mandala a um arquétipo, que segundo ele seria uma representação imagética dos próprios instintos, ocorrendo assim em todos os lugares, independentemente da tradição, configurando uma espécie de qualidades que caracterizam a espécie humana. Seria uma herança universal disponível a qualquer recém-nascido, no inconsciente coletivo. Assim, por mais que houvesse diferenças em relação às diversas mandalas produzidas por seus pacientes entre si e, em comparação com as mandalas dos povos originários navajos, tibetanos, chineses, hinduístas, todas tinham uma mesma conformidade e desempenhavam efeitos terapêuticos (JUNG, 1959).

Enquanto mandalas rituais exibem um estilo definitivo e um número limitado de grafismos e seus conteúdo, as mandala individuais não seguem uma predisposição bem definida, representando a individualidade e totalidade de um individuo numa relação específica com seu mundo externo e interno. No entanto, a quadratura do círculo aparece como tema em comum, recorrente à maioria das mandalas, tanto individuais como rituais. (JUNG, 2008) O objeto da mandala individual seria o SELF,

a totalidade da psique junta; consciência e inconsciência, alinhadas ao ego, que é o ponto de referência da consciência. Por isso, segundo o autor, não é difícil encontrar mandalas que exibem uma divisão entre áreas escuras e claras. Ressalta também que o efeito terapêutico e curativo produzido em seus autores é produto de uma necessidade latente, interna de conciliar partes, e que, portanto, é restrito à produção espontânea da mandala. Nada pode ser esperado de uma repetição artificial ou uma imitação do símbolo (JUNG, 1959)

Levando os estudos de Jung acerca da mandala, é de suma importância citar a renomada psiquiatra Nise da Silveira, cujo trabalho me mobiliza e toca profundamente. Nise foi a primeira mulher brasileira a instituir a arte como forma de expressão criativa e curativa no tratamento de pacientes psiquiátricos, psicóticos e esquizofrênicos. Em meio a época em que o eletrochoque e a lobotomia eram procedimentos usuais no tratamento da loucura, Nise da Silveira lutou e rebelou-se bravamente contra este tipo de violência, dando voz ao inconsciente e demonstrando ao mundo da psiquiatria empiricamente que o afeto é a chave para a cura. (SILVEIRA, 1981)

Numa sociedade racional e patriarcal, a tendência é a cisão cada vez maior entre consciência e inconsciente, sendo o campo inconsciente rejeitado (MULLER,2008). Nise abraçou o trabalho com as imagens do inconsciente e demonstrou como este pode se expressar através da arte, do mundo das imagens e dos mitos, através da simbologia encontrada nas peculiaridades e singularidades presentes nas obras de seus pacientes. Expos a grandiosidade arquetípica de suas produções plásticas, mostrando seu valor e a sua conexão com o resto da humanidade e tirando-os aos poucos do isolamento e incompreensão que os aprisionava (SILVEIRA, 1981)

Para a psicologia analítica, o movimento dialético entre consciente e inconsciente se dá através de uma energia específica. Segundo Gaeta (2019):

(...) Essa energia tem movimentos e direções, que Jung denominou de regressão e progressão da libido. A progressão diz respeito à energia utilizada para adaptação ao mundo, à vida, o que nos move. Em situações de conflito, a progressão da libido é suspensa ocorrendo uma regressão que conduz o fluxo de energia ao inconsciente. A inversão do fluxo de energia promove o surgimento de novos conteúdos que, se não integrados, causam a dissociação, a cisão da personalidade, a desunião consigo mesmo e a neurose (p. 11).

Em casos extremos, o fluxo de energia retido no inconsciente pode ser tão grande que ocasiona um “tsunami” , o qual rompe o ego, que fica despedaçado e frágil, ocasionando a psicose. (GAETA, 2019). Frequentemente o inconsciente é simbolizado como um oceano e seus peixes. Como aponta Jung (1996), um ego bem estruturado e forte propicia o desenvolvimento de uma consciência expandida, a qual, neste sentido, poderia ser comparada a uma canoa capaz de carregar muitos peixes.

A psique com a consciência comprometida perde a capacidade de simbolizar e a profusão caótica de imagens arquetípicas toma conta do indivíduo.. O ego perde a sua função típica e básica de separar, organizar e objetificar, o que faz com que o sujeito viva o mundo externo como uma extensão , um campo projetivo para as imagens inconscientes, passando a identificar-se com elas. A psicose ocorre também quando por algum motivo o ego não consegue estruturar-se, ou estrutura-se muito fragilmente (JUNG, 1986).

Diante das obras dos pacientes de Nise da silveira, vemos o imagens que se integram originadas tanto no inconsciente pessoal como no inconsciente coletivo. Os temas das pinturas e obras trazem tanto elementos particulares, de tonalidade pessoal, como elementos tipicamente humanos e arquetípicos.

Cabe aqui destacar, entre os pacientes de Nise, os artistas Fernando Diniz e Carlos Pertuis, os quais tinham mandalas como temas recorrentes. Mandalas e formas mandálicas eram também temas muito comuns entre os demais. (SILVEIRA, 1981)

Seria de se esperar, muito logicamente, que as cisões e rupturas internas se refletissem na produção plástica dos esquizofrênicos, pela ruptura, pela fragmentação das formas.

Certo, a fragmentação achava-se frequentemente presente na pintura dos esquizofrênicos de Engenho de Dentro.

(...) Imagens circulares ou tendendo ao círculo, algumas irregulares, outras de estrutura bastante complexa e harmoniosa, impunham sua presença na produção dos frequentadores do atelier do hospital psiquiátrico. Tive grande dificuldade em compreendê-las. A analogia era extremamente próxima entre essas imagens e aquelas descritas sob a denominação de mandala em textos referentes a religiões orientais. (...) Custava-me entender que surgissem esses símbolos pintados pelo mesmo autor junto a formas que refletiam a

cisão da psique. Entretanto continuei reunindo imagens do círculo (...). Essa coleção depressa subiu a centenas (SIVEIRA, 1981, p.50 e 51)

Nise, a fim de confirmar a hipótese de que as figuras circulares que tanto apareciam no ateliê de pintura, tratavam-se realmente de mandalas, reúne fotografias das obras, e envia a Jung através de uma carta, as quais o autor responde confirmando sobre a autenticidade das pinturas. Posteriormente, Nise torna-se sua aluna e seguidora, e é chamada por Jung para o congresso internacional de psiquiatria em Zurich. Quando retorna ao Brasil, funda o Museu do Inconsciente, onde expõe tais obras dos pacientes aos quais gostava de chamar de clientes.

Fernando Diniz foi um dos artistas cujas obras tiveram importante participação no acervo. Frequentou o ateliê de pintura do Hospital psiquiátrico de Engenho de dentro por 50 anos, produzindo cerca de 30 mil peças.

Cabe aqui destacar uma rica fala de Fernando, presente no documentário Nise da Silveira - transcrição de trecho do documentário “EM BUSCA DO ESPAÇO COTIDIANO - 1o episódio”, produzido por iniciativa do Museu Imagens do Inconsciente, e dirigido por Leon Hirszman:

Tudo no mundo é redondo, ou se não, quadrado. Na natureza as frutas são redondas. O homem fazendo é quadrado - caixas, etc. A natureza é assim. A bola do mundo é redonda também. Para mim uma mandala é uma porção de coisas, tem tantas coisas em volta da mandala... Alguém perguntou: Um ovo estrelado é uma mandala? Cada pessoa diz uma coisa, cada mandala é diferente da outra. Eu tava pensando que uma mandala é uma roda grande com uma porção de figurinhas de ouro em volta. Tava pensando que era alguma coisa da religião.

Para Fernando, as formas mandálicas surgem no abandono de caóticas garatujas que fazia tentando expressar-se. É possível acompanhar o progresso e o esforço de superação que faz em seu processo de organização interna. As variadas configurações de seus desenhos surgiam como formas circulares espiraladas, organizadas a partir de um centro ordenador, ao redor do qual sobrepunham quadrados e estrelas. Conforme a sua luta com o inconsciente, as imagens ficavam mais ou menos precisas (RAMOS, 2006)

“O geométrico ajuda a juntar as coisas” – explica Fernando no documentário. (EM BUSCA DE UM ESPAÇO COTIDIANO,1986) Em casos como o dele, a geometria pode ser interpretada como a busca pela segurança e estabilidade do ego, em meio aos tumultos inconscientes.

Figuras 23 - Pinturas de Fernando Diniz

fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/cinquentenariodomuseu/fernando-diniz.php> acesso em nov 2021



Sobre a ordem matemática presente na mandala, Nise explica que é evidente o símbolo do Self e da Totalidade estarem vinculados à geometria e ao número. “Os números e as formas geométricas servem para criar ordem ou apreender um arranjo regular ou ordenação já existente, mas ainda desconhecido” (SILVEIRA, 1981, p.55).

Temos também o caso do paciente Carlos Pertuis que pintava muitas mandalas, e as associava com a divindade. Possui uma pintura famosa, a qual intitulou de “o planetário de deus”. Esta mandala contem em si semelhanças com a mandala do tratado alquímico da flor de ouro e é repleta de simbologias arquetípicas, como por exemplo, a serpente, elemento que também está presente em muitas outras de suas figuras e contém o simbolismo do instinto e as pulsões inconscientes. A visão do “Planetário de Deus”, a qual fez com que a família decidisse interná-lo, ficou impressa em seu interior devido a sua potência arquetípica, podendo somente ser expressa anos mais tarde no atelier do hospital psiquiátrico Engenho de Dentro. (A BARCA DO SOL, 1986)

Figura 24 – O planetário de Deus de Carlos Pertuis



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=fgong5EYqUE&t=2559s> acesso nov.21

Carlos também pintava muitas figuras geométricas, as quais exprimiam uma tentativa de impor ordem em meio ao caos. Frequentemente, suas formas geométricas oscilavam entre cores claras e escuras, em contraste, indicando a presença de opostos. Muitas de suas mandalas contém estas figuras em contraste, além de possuírem formatos pontiagudos, os quais poderiam indicar a proteção contra o impositivo mundo externo, e também contra o caos interno. (A BARCA DO SOL, 1986)

Figura 25 –Mandala de Carlos Pertuis

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=fgong5EYqUE&t=2559s> acesso nov.21



Figura 26 - Mandala de Carlos Pertuis

fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=fgong5EYqUE&t=2559s> acesso nov.21



Um tema recorrente de Carlos, era a pintura de rituais, muitas vezes repletos de cobras. Segundo Jung, os rituais , quase sempre configurados em formas circulares , têm a função arcaica de conter, ordenar e dar vazão a forças profundas. Forças estas de forte dimensão inconsciente. Em uma das pinturas , as cobras estão enroladas em forma de espiral mandalas, e tentam atacá-lo. É possível também reparar certa cisão repentina entre dois ambientes na figura, delimitada pela cobra que o ataca. (A BARCA DO SOL, 1986)

Figura 27 - Obra de Carlos Pertuis

fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=fgong5EYqUE&t=2559s> acesso em nov.21



Em seus trabalhos pinta muitas figuras femininas, deusas, mulheres élficas de face verde etc.. Achei interessante trazer para o presente trabalho, duas delas.

A primeira , retrata a imagem de uma deusa que une dois mundos. Ela está ligada a uma meia lua, a qual contém uma mancha circular no meio, onde está escrito: “Deus minha mãe”. A segunda, é a mesma Deusa, desta vez segurando a meia lua fechada em círculo, com o ponto no meio escrito “ Deus meu Pãe”. (A BARCA DO SOL, 1986)

Figura 28 - Obras de Carlos Pertuis

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=fgong5EYqUE&t=2559s> acesso.nov.21



Nise explica que a presença dos astros é muito frequente nos delírios dos psicóticos e em sua produção plástica. Esta presença assinala que, mergulhados no inconsciente, voltam ao que eram antes, a unidade inicial da criação, a unidade com a mãe, posteriormente cindida para a criação do ego. A primeira imagem pode ser considerada um retorno a imagem arquetípica da Deusa, a primeira divindade adorada pelo homem, como vimos no primeiro capítulo . (A BARCA DO SOL, 1986)

Quando o ego é invadido pelos conteúdos inconscientes sem uma capacidade de processamento, o doente experimenta uma regressão a esta fase arquetípica. Assim, através da pintura, Carlos esteja tentando elaborar uma noção de “eu”, um equilíbrio entre as forças do ego e do inconsciente, matriarcais e patriarcais, femininas e masculinas, através da meia lua “Deus minha mãe” e da lua inteira “Deus meu Pãe”. (A BARCA DO SOL, 1986)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração entre partes cindidas, consciência e inconsciente, tem a forma da totalidade, da expressão do máximo potencial humano, potencial este que só pode ser desvelado na tradução dos conteúdos inconscientes para a consciência.

A forma de consciência patriarcal e racional tende a ser rígida. A cisão acirrada entre ego e inconsciente, típicas desta forma polarizadora, causa a forte cisão entre o ego e si mesmo, homem- natureza, homem-coletivo. Só é possível encontrar um contrabalanço a ela através do inconsciente, onde jaz a nossa experiência arcaica, mágica e matriarcal, enquanto unidade, a qual foi reprimida no desenvolvimento da consciência patriarcal, porém presente no inconsciente coletivo como potência arquetípica. Através desta integração nos tornamos uma individualidade singular em evolução, uma totalidade em comunhão com o todo. A quadratura do círculo, tema frequente presente na mandala, representa, respectivamente, a ordem, ação da consciência humana integrada no cosmo, a criação.

Mandalas são figuras simbólicas de integração que evidenciam o pertencimento do homem à natureza e reforçam este laço. O padrão que organiza a psique, também é o padrão que organiza a matéria, sendo assim um atestado do caráter sincronístico do inconsciente. O simbolismo da forma mandálica e circular vem também a nos lembrar a conexão arquetípica da raça humana, independentemente do tempo e da cultura. Seu trajeto tanto coletivo quanto individual, rumo ao desenvolvimento, representa o caminho da individuação.

As mandalas neste sentido, aproximam o homem de uma experiência UNUS MUNDUS, amenizando estados de incompletude e cisão, tanto internamente quanto externamente. Assim, o homem inconscientemente projeta a inteireza de sua imagem psíquica como um arranjo da natureza, o que curiosamente lhe traz paz e aconchego em momentos de contradição, embate e transformação.

Não é de se admirar que rituais arcaicos utilizavam a forma mandálica como instrumento de meditação, restituição da harmonia, ordem e comunhão com Deus e a criação. A experiência de Deus está associada à experiência da totalidade. Para as religiões e ritos sagrados, a contemplação e a produção da mandala propiciam o homem a entrar em contato com uma verdade profunda, um centro, um ponto de referência perdido a respeito da personalidade. Este ponto refere-se à totalidade do Si-Mesmo.

Pudemos concluir, acerca do uso terapêutico das mandalas, também, que, para os pacientes psicóticos, as mandalas tem a função de ordenar aquilo que foi perdido, ou seja, o contato com o ego.

Elas aparecem também como forma de organização e refúgio de uma preponderância de forças inconscientes sobre a noção de “eu”, o que ocasiona caos e dissolução, impedindo-o de simbolizar e operar no mundo externo, desenvolvendo sua singularidade dialeticamente.

REFERÊNCIAS

A BARCA do Sol .Leo Hirszman. Rio de Janeiro: Leo hirszman prod. e Embafilme, 1986. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fgong5EYqUE&t=3059s> (80min) Acesso em Novembro de 2021.

CAIUBY Novaes, Sylvia . As casas na organização social do espaço Bororo. In: ----- (Org.). Habitações indígenas. São Paulo : Nobel ; Edusp, 1983. p. 57-76.

DAHLKE, R. Mandalas: formas que representam a harmonia do cosmos e a energia divina. São Paulo: Pensamento, 2003.

EM BUSCA do espaço cotidiano.Leo Hirszman. Rio de Janeiro: Leo Hirszman prod. e Embafilme, 1986. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=5yqWsDx7FEA> (80 min) acesso em novembro 2021

EU JÁ fui seu irmão. Dir.: Vincent Carelli. Vídeo Cor,SP :NTSC e Betacam , , 1993. DvD (32 min).

.FINCHER, Suzane F. O autoconhecimento através das mandalas. São Paulo: Pensamento, 1998.

GAETA, I. Analista Junguiana Ijusp. O Círculo Sagrado: Mandalas de pacientes de CG Jung-Oficina de Mandalas. 2019.

GREEN, S. El Libro de los mandalas del mundo. Santiago, Chile: Océano Ámbar, 2005.

HOFMANN, A. El Espíritu como Naturaleza. Entrevista concedida a Antonio Escohotado. Revista El Paseante, Madrid. N.13. pg 116-121. out,1989.

HAECKEL, E. Art Forms in Nature. Nova York : Dover Publications Inc., 1974

JECUPÉ, K. W. Tupã Tenondé: a enondé criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001.

Jung, C. G. *Psicogênese das doenças mentais*. Petrópolis: Vozes. v.III, 1986.

JUNG, C.G. *O Homem e seus Símbolos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, C. G. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Obras Completas vol. IX/1 – Petrópolis: Vozes, 2006.

JUNG, C. G. Mandala Symbolism. In: *Vol. 9i Collected Works*. Princeton University Press, 2017 (Trabalho original publicado em 1959).

JUNG, C.G. Memórias, sonhos e reflexões (reunidas e editadas por Aniela Jaffé). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1961] 1996.

MATURANA, H. R. Entrevista de Cristián Warnken a Humberto Maturana. Chile: 2005. Vídeo disponível em :
http://www.todoloquees.cl/index.php?ind=downloads&op=entry_view&iden=8#

MOACANIN, R. A Psicologia de Jung e o Budismo Tibetano. São Paulo: Cultrix, Pensamento, 1999.

MÜLLER, M. L. A transição do Ciclo Patriarcal para o Ciclo de Alteridade: reflexões sobre o desenvolvimento da consciência de Alteridade na sociedade ocidental. 2008.

NEUMANN, E. (1949). História e origem da consciência. São Paulo: Cultrix, 1995.

OSTETTO, L.E. Na dança e na educação: o círculo como princípio. Educação e Pesquisa, v. 35, p. 177-193, 2009.

PALHACI, M.C.J.P.; HELLMESTER, L. A. V.; NICOLA, R.; HELLMESTER, C. F. L. P.. **Masonic Signs presents im Artistic Works**. Proceedings of World Congress on Communication and Arts, v. 8, p. 38, 2015.

PENNA, Eloisa M. D. Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung. 2003. Tese (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

PENNICK, N. Geometria Sagrada, Simbolismo e Intenção nas estruturas religiosas: São Paulo, Brasil: Pensamento, 1980.

RAMOS, F.S Forma e arquétipo: um estudo sobre a Mandala. / Fernando da Silva Ramos. – Campinas, SP: [s.n.], 2006.

SASPORTAS, H. As Doze Casas . São Paulo, Pensamento, 2015.

SILVEIRA, N. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro, Alhambra, 1981.

SOUSA, M. D. P. **Mandalas ou o círculo mágico: uma abordagem em contexto educativo**. 2012. Tese de Doutorado.

TUCCI, Giuseppe., Teoria e prática das mandalas, 9ª edição, Pensamento, São Paulo, 1984.

VON FRANZ, M. L. Processo de individuação. In: JUNG, C.G. O Homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

VON FRANZ, M. L. O Caminho dos Sonhos. São Paulo: Cultrix, 1992.

WHITMONT, Edward C. Retorno da Deusa. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1991.

WOSIEN, M-G Dança Sagrada- Deuses, Mitos e Ciclos. São Paulo: Triom, 2002

EM BUSCA do espaço cotidiano